

## ASPECTOS DAS CLASSES DE PALAVRAS EM PARKATÊJÊ: Uma abordagem tipológico-funcional

Marília Ferreira (UFPA)

### 1 Introdução

A língua Parkatêjê, também conhecida como Gavião do Pará, pertence à família Jê, do tronco lingüístico Macro-Jê, o qual é exclusivamente brasileiro. Da mesma família fazem parte as línguas Canela, Krahô, Pykobiê (Gavião do Maranhão), Apâniekra, Ramkókamekra, Krenye, Krikatí, dentre outras, as quais, de acordo com Rodrigues (1999, p. 167), constituem o ‘complexo dialetal Timbira’.

Atualmente, os falantes do Parkatêjê vivem todos na Reserva Indígena Mãe Maria, no quilômetro 30 da rodovia BR-222, no município de Bom Jesus do Tocantins, no sudeste do estado do Pará.

A atual situação sociolingüística da comunidade indígena Parkatêjê revela que o contato com a sociedade envolvente foi bastante desastroso para essa comunidade, que há muito já não fala apenas sua língua, como o atesta o fato de que não há falantes completamente monolíngües de Parkatêjê.

Devido à falta de estudos descritivos consistentes e detalhados sobre os vários aspectos dessa língua, ela tem sido considerada como uma das partes desse conjunto de línguas referidas por Rodrigues (1999, p. 167). De certo, em diferentes graus, essas línguas são mutuamente inteligíveis entre si, conforme afirmam os próprios falantes. Os Parkatêjê, por exemplo, têm visitado a aldeia dos Canela (Canela Ramkókamekra) para participar das festas daquele povo anualmente. Pelos relatos do Chefe, apesar das línguas serem diferentes, “cada um fica falando a sua própria língua, mas se entende direitinho”.

Comparando dados do Parkatêjê com dados do Canela-Krahô (Popjes & Popjes, 1986), parece-nos, à primeira vista, que, além de diferenças lexicais, há também diferenças fonológicas e sintáticas entre essas línguas, as quais poderão ser melhor compreendidas com os estudos descritivos futuros acerca das mesmas.

Este trabalho<sup>1</sup> tem por objetivo distinguir as categorias flexionais dos nomes, verbos e adjetivos em Parkatêjê<sup>2</sup>, com base em Anderson (1985, p. 172), a saber, as Inerentes

---

<sup>1</sup> Agradeço aos Parkatêjê, em especial ao Capitão Krôhôkrenhûm e ao Piare, meus professores da língua; à Profa. Dra. Lucy Seki (UNICAMP) pelas discussões que nos levaram às conclusões aqui apresentadas, à Profa. Dra. Alexandra Y. Aikhenvald (RCLT / La Trobe University) pela leitura do texto, indicações bibliográficas e sugestões relevantes e ao Dr. Tim Curnow (RCLT / La Trobe University) pela leitura cuidadosa e discussão de vários aspectos do trabalho. Agradeço ainda a um parecerista anônimo deste volume que apresentou detalhadas e úteis observações acerca do trabalho, sendo, pois, de minha inteira responsabilidade, quaisquer erros encontrados.

<sup>2</sup> Abreviaturas usadas neste trabalho: A = sujeito de verbos transitivos; Abs = Absolutivo; Acc = Acusativo; ativ. = ativo; 1s = 1a pessoa do singular; 2s = 2a pessoa do singular; 3s = 3a pessoa do singular; C = contígüo; CAUS = causativo; DS = sujeitos diferentes; DIM = diminutivo; DIR = direcional; DEM = demonstrativo; Erg = Ergativo; ERG = Ergativo; enf = ênfase; NC = não-contígüo; NEG = negação; NOM = Nominativo; O = objeto de verbo transitivo; pas = passado; pl = plural; pres = presente; REFL = reflexivo; REL = relacional; S = sujeito de verbo intransitivo; sing. = singular; So = sujeito de verbo descritivo; Sio = sujeito intransitivo de marcação não-canônica. Estamos utilizando a ortografia prática da língua elaborada por Araújo (1977) e publicada em (1993).

— aquelas que não são impostas pela posição estrutural ocupada pela palavra e que não dependem das propriedades de outras palavras na estrutura; as Relacionais — as que refletem a posição que a palavra ocupa em estruturas maiores e as de Concordância — as que tratam da palavra em si em conexões sintáticas particulares com outras palavras ou sintagmas.

Observamos a possibilidade de certas categorias serem interpretadas sob dois rótulos diferentes, por exemplo, no caso dos nomes, a expressão de posse pode ser vista tanto como relacional, por tratar do nome em uma construção sintática, como também como inerente em Parkatêjê, tendo em vista tratar-se de uma característica lexical, o que em outras palavras quer dizer, tal categoria dos nomes da língua deve constar no dicionário. Portanto, com base nas características da língua e com base no estudo de Anderson (1985, p. 172), optamos pelo tratamento das categorias de nomes, verbos e adjetivos na forma abaixo apresentada, não excluindo, entretanto, a possibilidade de outra interpretação para algumas delas.

## 2 NOMES

### 2.1 Categorias Inerentes

Dentre as categorias inerentes dos nomes em Parkatêjê, observamos a existência de várias características morfossintáticas: (1) a estrutura de posse, que pode ser interpretada tanto quanto inerente quanto como relacional; (2) a flexão de número; (3) a expressão de aumentativo/diminutivo. Desta última característica não trataremos neste trabalho, bem como não abordaremos características de ordem semântica, algumas das quais seriam: o status dêitico de certos nomes, a definitude e a dicotomia entre nomes próprios e comuns.

#### 2.1.1 Estrutura de Posse

Observando a estrutura de posse em Parkatêjê, verificamos a possibilidade de distinção entre três sub-classes de nomes: (a) nomes não-possuíveis; (b) nomes possuídos alienavelmente e (c) nomes possuídos inalienavelmente, tendo em vista que a expressão de posse em Parkatêjê é inerente a essa classe de palavras.

Na sub-classe de nomes não-possuíveis, encontram nomes relacionados a nomes de pessoa, nomes de plantas e a fenômenos da natureza em geral. Tais nomes não se constituem como núcleos de locuções genitivas, não sendo nunca precedidos de um possuidor.

Os nomes alienavelmente possuídos, relacionados em sua maioria a objetos da cultura material, podem ou não ocorrer nas relações genitivas precedidos do possuidor. O possuidor, quando expresso, pode sê-lo através de uma locução nominal ou das marcas de pessoa (os mesmos prefixos que ocorrem como sujeitos de verbos não-ativos e como objeto de verbos e posposições). Se estiverem contíguos<sup>3</sup> a seus núcleos determinantes, esses nomes ocorrerão da seguinte forma: possuidor + prefixo relacional *j-* + o nome *õ* ‘coisa’. Em outras palavras, poderíamos dizer que os nomes alienáveis não são ‘diretamente’ possuídos, é necessário o uso do prefixo relacional + o nome *õ* ‘coisa’.

Ex.: (1) ijõ hêti  
i- j- õ hêti  
1s-REL-coisa aranha  
‘minha aranha’

<sup>3</sup> Para maiores detalhes sobre contigüidade e não-contigüidade ver Rodrigues (1990). Ver Popjes e Popjes (1986), que apresentam uma análise diferente para o Canela-Krahô.

- (2) ajõ hêti  
a- j- õ hêti  
2s- REL- coisa aranha  
'tua aranha'
- (3) hõ hêti  
Ø h- õ hêti  
3s REL- coisa aranha  
'aranha dele'
- (4) Piare jõ hêti  
Piare j- õ hêti  
Piare REL- coisa aranha  
'aranha do Piare'

Se os nomes alienáveis não estiverem contíguos a seus núcleos determinantes, eles ocorrerão conforme observa-se, no exemplo (3). O prefixo que marca o possuidor de terceira pessoa é zero {Ø}, logo a forma do relacional é aquela que ocorre quando o núcleo determinante ou não está presente, ou foi deslocado de sua posição original para uma outra posição na sentença, a saber, o marcador *b-*.

Os nomes inalienavelmente possuídos, relacionados a termos de parentesco e partes do corpo, ocorrem precedidos do possuidor, que podem ser locuções nominais ou as marcas de pessoa. Em tais relações, porém, os nomes serão 'diretamente' possuídos.

- Ex.: (5) hahi 'cara (de bicho)'  
cara
- (6) kra yahi 'cara da paca'  
paca cara
- (7) hĩn 'fezes'  
fezes
- (8) i- jĩn 'minhas fezes'  
1-fezes
- (9) hur 'pus'  
pus
- (10) mpo tsur 'pus da ferida'  
coisa.redonda pus
- (11) kra 'cabeça'  
cabeça
- (12) kukryt kra 'cabeça da anta'  
anta cabeça

Seguindo este primeiro recorte, através do qual temos as sub-classes de nomes não-possuíveis e possuíveis (alienáveis e inalienáveis), pode-se ter duas interpretações para a ocorrência dos possuíveis: a primeira em conformidade com a análise de Rodrigues (1990) no que se refere aos prefixos relacionais, quando o nome encontra-se em relação de contigüidade ou de não-contigüidade ao seu possuidor, a qual estamos seguindo neste trabalho. Outra hipótese seria a de que os nomes inalienavelmente possuídos em Parkatêjê sofreriam uma alternância de formas, tendo a adjacência a certos núcleos como fator condicionante<sup>4</sup>.

O agrupamento dos nomes pela visão tradicional nos dá a sub-classificação: possuíveis e não-possuíveis e no sub-grupo possuíveis, alienáveis e inalienáveis, conforme já vimos anteriormente. Entretanto, tendo por base a análise de que as palavras da língua apresentariam alternância de formas condicionadas pela adjacência a determinados núcleos, temos uma generalização que agrupa os nomes diferentemente: somente os nomes inalienáveis exibiriam a alternância de formas, visto que os nomes alienavelmente possuídos somente o são ‘indiretamente’, isto é, a posse é evidenciada pela expressão do possuidor + prefixo relacional + o nome *õ* ‘coisa’ e os não-possuídos não apresentam a possibilidade de expressão de posse. (Estes dois últimos em destaque no quadro abaixo)

Expressão de posse nos nomes em Parkatêjê	
1. Possuíveis	a) Inalienáveis
	<b>b) Alienáveis</b>
Nomes	
	<b>2. Não-Possuíveis</b>

De qualquer forma, vale dizer que é recorrente, na língua, que a expressão de não-contigüidade se evidencie pelo marcador *b*<sup>5</sup> inicial das formas dos nomes e que a expressão da contigüidade se faça por outros alomorfes condicionados pelo tipo de vogal precedente.

Nichols (1986, p. 57-8) observa que a função da morfologia é identificar as relações sintáticas pela marcação apropriada no núcleo ou no dependente, além de evidenciar a dependência sintática — isto é, um mecanismo morfológico marca determinado núcleo como tendo um dependente, sem necessariamente especificar o tipo dessa dependência. O Parkatêjê, pelas previsões de Nichols (1986), é uma língua do tipo “head-marked”, tendo em vista que o núcleo é que é “marcado” pela contigüidade ou não-contigüidade sintática do determinante.

### 2.1.2 Flexão de Número

A flexão de número em Parkatêjê é feita pelo acréscimo do formativo *mẽ*<sup>6</sup> antes dos nomes para indicação do plural, enquanto que o singular é não-marcado.

<sup>4</sup> Esta questão está sendo tratada mais amplamente em nosso trabalho de tese a aparecer, no qual estendemos a discussão para as construções com sujeitos e verbos, posposições e seus objetos.

<sup>5</sup> Popjes & Popjes (1986, p. 130-1) verificam a mesma ocorrência em Canela-Krahô, embora em análise diferente.

<sup>6</sup> Este mesmo formativo é indicador de plural em outras línguas Jê como, por exemplo, o Kayapó (Mêbêngokre) e o Canela-Krahô. (Popjes e Popjes, 1986). Parece haver homonímia entre o formativo que indica o plural e outro cujo sentido é ‘gente’ (referência somente aos índios). Entretanto, parece-nos que a etimologia dos dois é a mesma. Nosso trabalho de tese deverá apresentar mais detalhes sobre essa questão, incluindo o *mẽ* como pluralizador de pronomes, dentre outras ocorrências de tal elemento.

- Ex.: (13) jũm mpy mã pia?  
quem homem? Int  
'quem é aquele homem?'
- (14) jũm mẽ mpy mã pia?  
quem pl homem? Int  
'quem são aqueles homens?'

## 2.2 Categorias Relacionais

Com relação às categorias relacionais dos nomes, abordaremos brevemente o caso, tendo em vista que os nomes são itens lexicais que podem ocorrer como núcleo de uma locução nominal em posição de sujeito de verbos, em posição de objeto de verbos transitivos bem como em posição de objeto de posposição. Assim, em cada uma dessas possíveis posições, há uma marcação de caso específica para aquela função sintática que é determinada primariamente pela posição estrutural.

Os nomes podem ser marcados por casos diretos, por caso genitivo ou por caso oblíquo, o qual indica uma série de funções, não limitadas às espaciais. Trataremos deste ponto adiante, quando abordarmos as categorias de concordância em que falamos acerca do sistema de marcação de caso da língua.

## 3 VERBOS

### 3.1 Categorias Inerentes

De acordo com Araújo (1989, 82), os verbos em Parkatêjê, dependendo de sua possibilidade de ocorrência, ou com pronomes livres ou com os prefixos, marcas de pessoa, podem ser ativos ou não-ativos.

- Ex.: (15) wa mũ mō  
eu DIR ir+pres.  
'eu já vou'

- (16) i- tyjti  
1s- ser.forte  
'eu sou forte'

Os verbos ativos apresentam as chamadas formas longas ou curtas, cujo condicionamento está relacionado à categoria de tempo. As formas longas apresentam características que poderíamos dizer "nominais" de um lado – quando ocorrem com a série de prefixos pessoais – tais como os nomes em construções genitivas; mas também reforçam seu caráter verbal por conta de sua co-ocorrência com as marcas aspectuais restritas à classe de verbos ativos.

- Ex.: (17) mẽ mpy to  
pl homem dançar+pres.  
'os homens dançam'

- (18) mẽ mpy tor

pl homem dançar+pas.  
‘os homens dançaram’

Os elementos não-ativos podem aparecer como atributo (dentro de um sintagma nominal) ou como predicado (dentro da locução verbal). Na seção 4.0 deste trabalho, apresentamos algumas características desses elementos.

Ex.: (19) i-xwa tyjtí<sup>7</sup>  
1s-dente (ser.)forte  
‘meu dente forte’, ou, ‘meu dente é forte’

### 3.2 CATEGORIAS RELACIONAIS

Observando as categorias relacionais dos verbos em Parkatêjê, isto é, a posição que o verbo ocupa em estruturas maiores, apontamos as seguintes características das quais trataremos sucintamente aqui: (1) tipo de verbo de acordo com o número de argumentos obrigatórios; (2) possibilidade de causativização; (3) reflexividade; (4) reciprocidade; (5) fenômeno *switch-reference*. Estas questões foram tratadas por Rodrigues (1999) com relação ao tronco Macro-Jê, ao qual pertence a língua Parkatêjê bem como por Popjes e Popjes (1986) que descreveram a língua Canela-Krahô.

#### 3.2.1 Tipo de verbo de acordo com o número de argumentos obrigatórios

Os verbos em Parkatêjê podem ser de dois tipos, de acordo com seu número de argumentos obrigatórios, verbos intransitivos e verbos transitivos.

Os verbos intransitivos podem ter seu sujeito codificado ou por pronomes livres (que recebem caso direto nominativo, que é não-marcado) ou por prefixos pessoais (que recebem ou caso nominativo, ou dativo ou ergativo — de acordo com o tempo e aspecto das sentenças), bem como por locuções nominais plenas que recebem a mesma marcação de caso que os elementos pronominais.

Ex.: (20) wa mũ Maraba wÿr tẽ  
eu Dir Marabá Dir ir+pres  
‘eu vou para Marabá’

(21) (wa) i- te rop pupũn  
eu 1s-ERG onça C+ver+pas  
‘eu vi a onça’

(22) i- mã rop ita japê nĩre  
1s-DAT cachorro DEM C+gostar muito  
‘eu gosto muito deste cachorro’

#### 3.2.2 Causativização

A causativização é um outro aspecto das categorias relacionais dos verbos, que, em Parkatêjê é sintática, da mesma forma que em Canela-Krahô<sup>8</sup>, de acordo com Popjes &

<sup>7</sup> Alguns critérios podem desambiguar o sentido dessa estrutura (ver seção 4.0 deste trabalho), sendo possível também a observação dos contextos pragmático-discursivos de ocorrências semelhantes.

Popjes (1986, p. 142-3) e Rodrigues (1999, p. 195-6). Com o verbo *to* ‘fazer’, pode-se causativizar todo um sintagma verbal. Tanto verbos intransitivos quanto verbos transitivos parecem poder ser causativizados da mesma forma em Parkatêjê<sup>9</sup>.

Com base em Comrie (1985), que parte de uma distinção de verbos não-causativos básicos de três valências, verificam-se as seguintes ocorrências em Parkatêjê:

Causativos de verbos intransitivos não-ativos:

- Ex.: (23) i- mpej  
1s- ser.bom; ser.boni  
‘eu sou bom; eu sou bonito’
- (24) a- to i- mpej- ti  
2s- CAUS 1s- ser.bom-AUM  
‘eu gosto muito de ti’ lit. ‘tu me fazes bonito,bom’

- Causativos de verbos intransitivos ativos: no exemplo (26), nota-se que a sintaxe da sentença é alterada, se comparada à sentença (25) em que o verbo é intransitivo. Em (26), temos a marca de ergatividade *te*, após o sujeito (*m* *ntia* ‘mulheres’), evidência de que o verbo teve sua valência aumentada, isto é, passou a ser transitivo.

- Ex.: (25) i- j- ã rop mũ taimã<sup>10</sup>  
1s- REL- coisa cachorro DIR sumir  
‘meu cachorro sumiu’
- (26) m *ntia*- te m̃ karõn to tai  
pl mulher-ERG foto CAUS sumir  
‘as mulheres perderam as fotos’  
lit. ‘as mulheres fizeram as fotos sumir’

### 3.2.3 Reflexividade e Reciprocidade

A expressão da reflexividade e da reciprocidade em Parkatêjê também se faz por mecanismos sintáticos.

Apontamos a existência de um pronome genérico reflexivo objeto *amji* invariável com o qual se faz a expressão sintática do reflexivo na língua bem como a de um formato, *aiþ* *n*, o qual é usado para a expressão de reciprocidade na língua, mencionados por Rodrigues (1999, p. 195) para o tronco Macro-Jê. Tal elemento aparece marcado pela posição *mã* da mesma forma que em Canela-Krahô. (Popjes & Popjes 1986, p. 140-2)

- Ex.: (27) Ø- te amji hapak m̃ to kre  
3s-ERG REFL NC+orelha para CAUS buraco  
‘ele furou a própria orelha’

<sup>8</sup> Ver Dixon (2000, p. 36) para maiores detalhes em relação ao fato de o Canela-Krahô empregar uma construção subordinada para os causativos, sendo o *causee* marcado como o O do verbo causativo e o *causer* o argumento A.

<sup>9</sup> A língua Parkatêjê pode ter seus verbos transitivos sub-divididos em várias sub-classes, o que parece ter algum efeito na causativização dos mesmos. Devido à necessidade de confirmar nossa hipótese em relação à causativização de transitivos, não trataremos do tema aqui.

<sup>10</sup> No momento, não nos é possível afirmar que a causativização não afeta a morfologia do verbo, tendo em vista a necessidade de informações exaustivas sobre esta questão. É possível que a forma *taimã* guarde dois morfemas de natureza diferente: *tai* (raiz verbal) e *mã* (?), questão a ser verificada em nossa próxima viagem de campo.

- (28) a- mē aipēn mǎ mē i-kakôk  
 2s-pl REC para pl 1s-conversar  
 ‘você(s) vão conversar com a gente e nós com você(s)’

### 3.2.4 Switch-Reference

Há, ainda, em Parkatêjê, conectivos que distinguem sentenças com sujeitos diferentes daquelas com o mesmo sujeito. São os conectivos *mǎ* e *nǎ*, apresentadas nos exemplos abaixo e que caracterizam o fenômeno de *switch-reference*<sup>11</sup> na língua. Rodrigues (1999, p. 197-8) aborda a existência de tal fenômeno no tronco Macro-Jê, utilizando dados do Canela-Krahô, que estão em Popjes & Popjes (1986, p. 146-7). Estes afirmam que a coordenação de sentenças em Canela-Krahô pode ocorrer de três formas: com as conjunções *ne* e *mǎ* e por justaposição. De acordo com eles, a escolha da conjunção depende do tempo dos verbos nas duas sentenças bem como da pessoa do sujeito, isto é, se o sujeito de duas ou mais sentenças consecutivas é o mesmo, a coordenação se faz com a conjunção *ne*. Sendo diferentes os sujeitos e os tempos das sentenças, a coordenação das sentenças se dará com a conjunção *mǎ*. Os exemplos (29) e (30) ilustram o mesmo fenômeno em Parkatêjê.

- Ex.: (29) i- te Piare pupūn mǎ Ø-te i- pupūn inūare  
 1s-ERG Piare C+ver+pas DS 3s-ERG 1s-C+ver+pas NEG  
 ‘eu vi o Piare, mas ele não me viu’

- (30) wa ry Piare pupūn nǎ kormǎ Tokurykti pupūn inūare  
 eu já Piare C+ver+pas SS ainda Tokurykti C-ver+pas NEG  
 ‘eu já vi o Piare, mas ainda não vi o Tokurykti’

### 3.3 CATEGORIAS DE CONCORDÂNCIA

Tendo por objetivo tratar das categorias de concordância, abordaremos o sistema de marcação de caso da língua, com ênfase para as características dos verbos.

Os verbos transitivos são verbos que têm dois argumentos nucleares: o sujeito (A) e o objeto (O). Nas sentenças transitivas, no tempo passado e aspecto perfectivo, o sujeito (A) recebe a marca *te*<sup>12</sup>, já o objeto direto (O) é não-marcado.

- Ex.: (31) wa i- kra pà  
 eu 1s-filho carregar+pres  
 ‘eu carrego meu filho’
- (32) i- te i- kra pàn  
 1s-ERG 1s-filho carregar+pas  
 ‘eu carreguei meu filho’
- (33) mpy kôtykti tokō  
 homem café beber+pres  
 ‘o homem bebe café’
- (34) mpy te kôtykti tokôm

<sup>11</sup> As particularidades acerca deste fenômeno serão apresentadas oportunamente em nosso trabalho de tese.

<sup>12</sup> Popjes & Popjes (1986, p. 128-9) analisam *te* como marca de tempo passado (indicativo).



homem ERG café beber+pas  
 ‘o homem bebeu café’

Nas orações transitivas de tempo não-passado e aspecto não-perfectivo, o A e o O não recebem marcas, conforme pode ser visto nos exemplos (31) e (33) acima.

Os verbos intransitivos em Parkatêjê podem ser basicamente de dois tipos: os intransitivos simples, cujo papel nuclear corresponde ao sujeito (S) absolutivo e os intransitivos estendidos, que, além do sujeito, apresentam um constituinte oblíquo, que requer o locativo, no caso dos verbos ativos.

Com vistas ao sistema de marcação de caso em sentenças independentes, a língua apresenta duas sub-classes semânticas de verbos intransitivos: os verbos ativos e os verbos não-ativos.

A sub-classe dos verbos intransitivos ativos inclui ações verbais propriamente ditas. Tais verbos apresentam as formas longas acima mencionadas. Os verbos transitivos e intransitivos ativos apresentam duas formas flexionais<sup>13</sup>: uma forma ‘curta’ e uma forma ‘longa’ de acordo com o tempo das sentenças. Fato semelhante foi descrito por Popjes e Popjes (1986:128-9) acerca da língua Canela-Krahô.

Ex.: (35) kôkrênhũm nkrer  
 Kôkrênhũm cantar+pass  
 ‘Kôkrenum cantou’

(36) jôkôrenhũm nkre  
 Jôkôrenhũm cantar+pres  
 ‘Jôkôrenhũm canta’

A sub-classe dos verbos intransitivos não-ativos apresenta uma divisão interna: há os verbos do tipo S<sub>o</sub>, que ocorrem somente com o prefixo pessoal e aqueles do tipo S<sub>io</sub><sup>14</sup>, que ocorrem com o prefixo pessoal marcado pela posposição *mã*, em que o sujeito recebe o caso dativo, ao que tudo indica independentemente do tempo. Essa divisão no sistema gramatical do Parkatêjê se configura, então, no fenômeno conhecido como ‘S-cindido’<sup>15</sup>, de acordo com Dixon (1994, p. 71-8), o que se constitui num sub-tipo de ergatividade.

(37) i- kryk nĩre  
 1s- estar.zangado muito  
 ‘eu estou muito zangado’

(38) i- mã tep prãm nĩre  
 1s-para peixe ter.vontade muita  
 ‘eu gosto muito de peixe’

<sup>13</sup> Estas formas são conhecidas na literatura Jê como formas longas e formas curtas, rótulo primeiramente utilizado por missionários lingüistas da Sil.

<sup>14</sup> S<sub>o</sub> e S<sub>io</sub> são abreviaturas usadas por Dixon (1991:268) para sujeito de verbo descritivo e sujeito intransitivo de marcação não-canônica. Detalhes sobre esta questão em Parkateje constarão em nosso trabalho de tese.

<sup>15</sup> Mithun (1991) relaciona os principais rótulos atribuídos, na literatura especializada, a sistemas gramaticais deste tipo.

Temos, então, o seguinte esquema para o S-cindido em Parkatêjê com vistas aos elementos pronominais bem como aos nominais:

Verbo Ativo	Verbo N-Ativo
S = A ≠ O	S <sub>o</sub> = O ≠ A
Nom/Acc	Abs/Erg

Tal situação parece evidenciar uma combinação de dois tipos de ergatividade cindida em Parkatêjê: (a) pela semântica do verbo, no caso, intransitivos ativos e não-ativos; (b) pelas categorias de tempo e aspecto. Essa combinação tipologicamente rara, encontra-se em uma outra língua indígena brasileira, Mawayana, da família Aruak (Dixon 1994, p. 104-5).

Não passado/ Não Perfectivo	Passado/Perfectivo
S = A = O	S = O ≠ A
Nom/Acc	Abs/Erg

#### 4 ADJETIVOS

Partindo-se da comparação das categorias inerentes, relacionais e de concordância de nomes e verbos, passamos agora a descrever o comportamento de uma terceira classe de palavras, a de adjetivos, que, em Parkatêjê, assim como em outras línguas humanas, parece ter um comportamento intermediário entre as classes de palavras de nomes e verbos. (Givón 1984, p. 74)

Justamente por ter esse comportamento intermediário entre as classes de nomes e verbos é que não é tão simples estabelecer critérios para uma classe de adjetivos em Parkatêjê, entretanto tal diferenciação se justifica, tendo em vista que esta classe tem um comportamento próprio, diferente de nomes e de verbos, ainda que com estes partilhe muitas de suas características<sup>16</sup>.

De um ponto de vista sintático, podem ocorrer como modificadores de nomes, seguindo os mesmos na locução nominal bem como predicados.

Ex.: (39) Xontapti tyjti rop kôran  
Xontapti forte onça matar  
'Xontapti corajoso mata onça'

(40) i- xwa tyjti  
1s-dente ser.forte  
'meu dente é forte'

No exemplo (39) temos a ocorrência de *tyjti* modificando o núcleo do constituinte nominal. Já no exemplo (40) *tyjti* é o próprio predicado. Em ocorrências como (39), nome e modificador formam um constituinte sintático e também fonológico. Alguns critérios morfossintáticos se aplicam para diferenciar essas ocorrências. Dentre outros, podemos citar, por exemplo, (a) a ocorrência do modificador verbal *nîre* 'muito' que pode se dar em (40) após *tyjti*, tendo tal palavra como seu escopo - *i-xwa tyjti nîre* 'meu dente é muito forte'. Enquanto que em (39) essa ocorrência, na mesma posição, isto é, após a palavra *tyjti*, não é

<sup>16</sup> Está em elaboração um manuscrito que trata das características próprias do que estamos considerando ser uma classe de adjetivos na língua. A maioria dessas características encontra-se na seção 4.0 deste trabalho. Algumas outras precisam ser melhor compreendidas e confirmadas em nossa próxima viagem de campo, por isso não tratamos delas aqui.

possível, o que evidencia o caráter não-verbal dessa palavra nessa estrutura; (b) da mesma forma, a negação sentencial (*inĩare* ~ *nõre*) não se aplica a (39) tendo *tyjti* como escopo, o que é possível em (40), evidenciando mais uma vez o caráter de predicado de *tyjti* em tal sentença; (c) se tivermos o exemplo (39) no passado, tal sentença terá seu sujeito A marcado por *te* - *Xontapti tyjti te rop kóran* ‘Xontapti forte matou a onça’, o que ressalta, mais uma vez, o status de modificador nominal de *tyjti*, nesse caso.

No exemplo (41), *mpej* e *kahàkà-re* ocorrem como núcleo da locução nominal, dado que os mesmos se referem ao nome ‘roupa’ que sofreu uma elipse no referido exemplo. Também observamos que, tal qual os nomes, os adjetivos também recebem os sufixos indicadores de tamanho (*-re* e *-tĩ*), entretanto essa sufixação nos adjetivos têm um sentido enfático. Assim como também recebem o caso tal qual os nomes, o que pode ser visto também em (41), em que *mpej* e *kahàkà-re* recebem o caso absolutivo sendo não-marcados.

Ex.: (41) Ø-te mpej pyr nã Ø-te mpa mã kahàkà-re hõr  
 3s-ERG bonita guardar+pas SS 3s-ERG nós para feia-DIM dar  
 ‘ela guardou a bonita e nos deu a mais feia’

Quando ocorrem como predicados, neste caso predicados do tipo estativo, esses elementos recebem a mesma forma de negação que os verbos:

Ex.: (42) i- kryk nõre ‘eu não estou zangada’  
 1s-estar.zangado NEG

(43) a-kra amrĩare ‘tu não tens filho’  
 2s-filho NEG

(44) hakô amrĩare ‘ele não tem borduna’  
 borduna NEG

(45) i- j- õ kre amrĩare ‘eu estou sem casa’  
 1s-REL-coisa casa NEG

Há algumas ocorrências desses elementos como modificadores de verbos.

Ex.: (46) a-têk pej-ti! ‘Joga bem!’  
 2s-jogar bem

Verificamos que Dixon (1982, p. 9) propõe cinco tipos maiores de línguas, de acordo com a forma como suas gramáticas tratam a classe de Adjetivos. O tipo II, por ele proposto, é aquela língua, na qual há uma classe aberta de adjetivos, que apresentam propriedades gramaticais muito similares às do verbo, por exemplo, quando um adjetivo é usado predicativamente, ele flexiona-se da mesma forma, ou num padrão similar ao do verbo (e não há necessidade de se usar a cópula), condições que assemelham-se bastante as encontradas em Parkatêjê. Como vimos anteriormente, quando os adjetivos encontram-se numa configuração de predicado, eles recebem os prefixos marcas de pessoa, que funcionam como seus sujeitos — caracterizando os predicados estativos.

Ainda segundo Dixon (1982), há uma tendência de que línguas que não têm marcação dependente, isto é, aquelas com “marcação no núcleo” apresentarem tipologicamente a caracterização acima mencionada para o que seria uma classe de adjetivos.

Como critério morfológico, observamos que os adjetivos, tal como alguns nomes são não-possuíveis. Como já dissemos, se os adjetivos estiverem numa locução com a série de prefixos pessoais — com os quais feita a expressão da posse nominal — sua ocorrência será de predicado. Da mesma forma que os nomes, eles recebem os sufixos *-re* e *-ti* — com uma alteração semântica, visto que eles indicarão ênfase naquela característica dada pelo adjetivo<sup>17</sup>. Até o momento não temos evidências de que os adjetivos possam ser pluralizados pelo formativo *mẽ*.

Características dos Adjetivos	
partilhadas com nomes	partilhadas com verbos
- podem ocorrer como modificadores do nome	- podem ocorrer em um predicado numa configuração predicado-verbal como modificadores do verbo
- podem ocorrer com os sufixos <i>-re</i> e <i>-ti</i> indicando ênfase da característica por eles expressa	- podem ocorrer com o modificador verbal <i>nĩre</i> ‘muito’
- são não-possuíveis (como a sub-classe de nomes não-possuíveis <sup>18</sup> )	- podem ocorrer com os prefixos marcas de pessoa, sendo entendidos como predicados estativos; não ocorrem com a série de pronomes livres da língua
- recebem o formativo <i>m</i> □ como marca de plural;	- recebem a mesma negação que os verbos ativos ou estativos ( <i>inĩare</i> ~ <i>nõre</i> )

## 5 CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, observamos que os nomes e os verbos em Parkatêjê apresentam características definidas. Os nomes, como vimos, apresentam sua forma de estruturação de posse, a flexão de número e a expressão de aumentativo e diminutivo. Os verbos apresentam características próprias de atividade-estatividade, intransitividade-transitividade, fenômenos de causativização, reflexividade, reciprocidade e *switch-reference*. O sistema de marcação de caso da língua, tipologicamente raro, apresenta uma combinação de dois tipos de ergatividade: (a) pela semântica do verbo, no caso, intransitivos ativos e não-ativos; (b) pelas categorias de tempo e aspecto.

A classe de adjetivos comporta-se intermediariamente, apresentando, às vezes características nominais, às vezes características verbais, estas últimas, na maioria delas, a nosso ver. De qualquer forma, é necessário refinar a análise dos dados da língua a fim de se compreender a configuração dessa classe de palavras em Parkatêjê.

Muito há, porém, para ser estudado acerca da organização estrutural e gramatical das línguas que constituem o complexo dialetal do qual o Parkatêjê é parte, assim como também, há muito para ser entendido em relação a essas línguas face ao tronco Macro-Jê.

<sup>17</sup> Santos (1997) observa que em Suyá é freqüente a ocorrência do formativo átono *tʃi*, do qual ele parece questionar a função “intensificador (?)”, que, a nosso ver, tem a mesma etimologia do sufixo *-ti*.

<sup>18</sup> Tal característica pode ainda ser vista como “verbal”, tendo em vista que os verbos nunca são possuídos.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Stephen R. Inflectional Morphology. In: SHOPEN, T. (ed.). **Language Typology and Syntactic Description: Grammatical categories and the lexicon**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. v. 3.
- ARAÚJO, Leopoldina M. S. **Estruturas subjacentes de alguns tipos de frases declarativas afirmativas do gavião-Jê**. 1977. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- \_\_\_\_\_. **Aspectos da língua gavião-jê**. 1989. 183 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. Fonologia e grafia da língua da Comunidade Indígena Parkatêjê. In: SEKI, Lucy (org.) **Lingüística indígena e educação na América Latina**. Campinas: Unicamp, 1993.
- COMRIE, B. Causative verb formation and other verb-deriving morphology. In: SHOPEN, T. (ed.) **Language Typology and Syntactic Description: Grammatical categories and the lexicon**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. v. 3.
- DIXON, R. M. W. **Where have all the adjectives gone? and other essays in semantics and syntax**. Berlin: Mouton, 1982.
- \_\_\_\_\_. **A new approach to English grammar, on semantic principles**. Oxford: Clarendon Press, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Ergativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- \_\_\_\_\_. A typology of causative constructions. In: R. M. W. Dixon & Aikhenvald, A. Y. (eds.) **Changing valency. Cases studies in transitivity**. Cambridge: Cambridge University Press. 2000.
- GIVÒN, Talmy. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins. 1984.
- MITHUN, Marianne. Active/Agentive Case Marking and Its Motivations. **Language**, v. 67, n. 3, 1991.
- NICHOLS, Johanna. Head-Marking and Dependent-Marking Grammar. **Language**, v. 62, n.1, mar. 1986.
- POPJES, J.; POPJES, J. Canela-Krahô. In: \_\_\_\_\_. **Handbook of Amazonian Languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. v.1, n. 128-199.
- RODRIGUES, Aryon. **Comments on Greenberg's Language in the Americas from a South American angle**. Brasília: UnB, 1990. Manuscrito
- \_\_\_\_\_. Macro-Jê. In: DIXON, Robert M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.) **Amazonian Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

SANTOS, L. C. **Descrição de Aspectos Morfossintáticos da Língua Suyá (Kisêdjê) Família Jê.** 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.